

SER BISPO É UM NEGÓCIO DE AMOR

Ao ser sagrado Bispo auxiliar de João Pessoa, no dia 27 de dezembro de 1975, com o ginásium do Clube Astréa completamente lotado por uma assistência de religiosos e fiéis da Paraíba, e de Pernambuco e vários lugares do País, Dom Marcelo Pinto Carvalheira fez uma profissão de fé no homem e na Igreja e disse "desejar comprometer-se, por amor, até o fim, a exemplo de Cristo, com as criaturas humanas, com a nossa gente, com a nossa terra, com as causas legítimas de nosso povo."

Eis a íntegra da mensagem de Dom Marcelo:

I — PRESENÇA DE JESUS, ATRAVÉS DOS SINAIS DA LITURGIA NO SACRAMENTO DO EPISCOPADO.

1. Meus irmãos e meus amigos.

Eu quisera possuir como João Evangelista, a agudeza do olhar para poder discernir, em todo o seu alcance, a presença interpeladora do Senhor nesta hora.

João, o Discípulo Amado, viu a Jesus, na bruma da madrugada, confundindo com os pescadores, com a gente do seu povo, naquela manhã de Ressurreição. "É o Senhor", exclamou ele.

2. Não nos é difícil enxergar a Jesus na beleza deste rito sacramental, pela palavra e pela imposição das mãos dos Bispos irmãos, Hélder, José Maria, Aloísio, e de quantos aqui, juntamente com eles, representam o Colégio Universal dos Bispos — sucessor do Colégio dos Apóstolos, presidido por Pedro — sob a assistência participante desta querida assembleia de presbíteros e de povo aqui reunido, pela mediação, portanto, dos sinais desta grandiosa Liturgia. JESUS ME CONFERRIU O SEU ESPÍRITO. UNGIU-ME EN-

VIOU-ME A EVANGELIZAR. A comunicar aos homens os desígnios de amor de Deus Criador e Pai. A anunciar-lhes o ano da graça, a libertação dos cativos.

Como é forte a certeza desta hora! Como é tocante a presença de Jesus, pela potência do seu Espírito, neste Sacramento da Fé! (cf. LG n.º 21).

II — A PRESENÇA INTERPELADORA DE JESUS, ATRAVÉS DO POVO E DA REALIDADE HUMANA.

3. Mas, se a visão da presença atuante de Jesus, na Liturgia desta noite, se nos afigura tão clara, parece-me também necessário, por fidelidade ao Evangelho — nesta hora de colação de um mandato missionário — que O vejamos a Ele, Jesus, na irrecusável mediação dos irmãos de humanidade: a apresentar-se, portanto, através dos homens confundido com o nosso povo, no irrefragável clamor da nossa gente.

É aí, no povo, que Jesus nos interpela ao vivo, como Ele mesmo, unguído pela Divindade, consciente da sua missão,

sentiu-se interpelado pelo Pai, a partir da história bem concreta de seu povo: "É necessário que Eu me ocupe com as coisas de meu Pai", disse Ele, ainda adolescente. Isto é, faz-me necessário que eu me dedique às cousas do meu povo, porquanto estas, na luz do Pai, é que constituem interesse básico e teste de autenticidade do verdadeiro culto de Javé — o Deus da Aliança, o Deus vivo e verdadeiro das candentes interpelações dos profetas de Israel.

4. Meus amigos. Nesta hora da minha sagração como Bispo, juntamente com os demais irmãos Pastores desta região e deste País, e sobretudo, com o Arcebispo da Paraíba, eu quero comprometer-me, por amor, até o fim a exemplo de Cristo, com as criaturas humanas, com a nossa gente com a nossa terra, com as causas legítimas do nosso povo.

Num Documento memorável, já diziam alguns Pastores do Nordeste. "Nosso compromisso, se formos fiéis ao Evangelho, é com o povo. Com sua Esperança. Com sua Libertação. A nossa responsabilidade de Pastores nos coloca diante de um desafio: a fidelidade continua a este homem, dentro do seu contexto histórico. Somos servidores, ministros da liberdade. Temos que nos converter para melhor servir. Temos que aceitar a interpelação do homem nordestino que grita por este ministério de libertação, que clama pelo nosso compartilhar da fome e sede de justiça". (Pág. 3, Doc. dos Bispos e Superiores Rel. do NE).

III — QUE DIZER A MAIS EM TORNO DA APRESENTAÇÃO DA ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA E DA APRESENTAÇÃO DE MINHA PESSOA FEITAS POR DOM JOSÉ MARIA.

5. Meus irmãos. Eu escutei com acurada atenção, a apresentação, feita pelo

irmão e pai, Dom José Maria, desta Igreja Metropolitana da Paraíba — Igreja, sem dúvida, gloriosa pelo testemunho de seus filhos, para citar apenas alguns de ontem, figuras como as de Dom Aauto, Dom Moisés, Mons. Afonso, Pe. Zé Coutinho, Mons. Pires... jamais saem da memória deste povo. Mas Igreja, sobretudo, gloriosa pelo testemunho heróico de tantos fiéis anônimos, dos pequenos da arraia miúda que entendem o Evangelho como ninguém, conforme a observação pertinente de Jesus: "Pai, Eu Te bendigo porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequenos." (Mt. 11, 25).

Eu escutei bem as posições assumidas por esta Igreja, isto é, suas opções prioritárias na pastoral; sua preferência pelos pobres; sua atenção ao fenômeno do Espírito de Deus que são as pequenas comunidades de base no meio do povo; seu respeito primordial pelas pessoas humanas antes mesmo das estruturas e instituições, que devem ser colocadas a serviço daquelas. Enfim seu desejo de uma volta ao estudo da vida dos Atos dos Apóstolos, a uma praxis na pastoral como a de Jesus, no Evangelho.

6. Quanto a mim, nada acrescentarei à generosa apresentação que foi feita de minha pessoa. Apenas peço a Deus, de quem procede todo o dom, que me confira a graça de corresponder à confiança do caríssimo Arcebispo, dos irmãos Padres deste presbitério, dos Religiosos e do Povo da Paraíba.

Meu desejo é de integrar-me, sem restrições no corpo desta Igreja local e na realidade humana desta terra da Paraíba.

E sendo agora, acolhido neste Estado, quero saudar os homens responsáveis, em seus vários níveis, pelo bem comum e pelas causas do povo, na vida pública e cívica da Paraíba.

Filho do Recife a capital mais próxima deste Estado, tendo trabalhado numa Arquidiocese que é campeã de problemas e empreendimentos pastorais, eu tenho sido levado a converter-me sempre mais ao Evangelho, a conhecê-lo, numa atitude missionária, os problemas das pessoas, as questões que afligem o povo, a situação angustiante das estruturas que oprimem.

Aqui estou portanto, querida Arquidiocese da Paraíba, para entender, servir, amar. Quero ser o irmão de todos, aberto para todos os homens sem exceção, pronto a acolher quem quer que seja, a dialogar com qualquer irmão de humanidade, sem perguntar-lhe a origem ou a ideologia a riqueza ou a pobreza, a situação de privilégio ou de marginalização.

Acredito fundamentalmente na pessoa humana e aposto na sua bondade radical como criatura de Deus, na vitória final do bem no coração dos ateus.

É evidente, entretanto, para que meu ministério não se torne instrumento ambíguo de exploração nem meu comportamento se afigure ingenuamente lírico, mas antes signifiquem — abertura evangélica e convite a uma fraternidade universal como a que Jesus — é evidente que, no serviço indiscriminado de todos, eu me deva colocar sempre na ótica do pobre, eu deva assumir sempre como ponto de partida, a perspectiva do pequeno, isto é, daquele a quem a Virgem Maria privilegiou no seu "Magnificat": o injustiçado, o oprimido, o sem voz e sem vez, que, em nosso mundo, são legião.

Não ignoro que esta atitude pode gerar o descontentamento e a incompreensão, até mesmo a oposição da maneira mais sutil, por parte daqueles que nada querem com a conversão exigida pelo Evangelho. Mas esta é a sorte, que já se prevê, do apóstolo e servidor do Evangelho. A propósito, valho-me das palavras de Dom José Maria, na sua última

carta pastoral: "Somos humildes servos de Jesus Cristo e, por amor dele, queremos estar cada vez mais perto de vocês participando de suas angústias e sofrimentos, de suas conquistas e de suas alegrias... O nosso ponto de partida é a fé em Jesus Cristo Salvador. A fé nos leva a procurar ver os homens e os acontecimentos, como Deus os vê, e agir conforme o Espírito Santo vai nos mostrando na oração e nas reuniões". (cf. Carta Pastoral, 12-12-75).

Perdoem-me esta digressão. Mas, afinal, aqui estou, Paraíba! Aqui estou querida área pastoral do Brejo Norte, onde o Bispo Auxiliar deverá ter especial atuação. Aqui estou, portanto, querida cidade de Guarabira com a constelação de 22 municípios vizinhos formando uma unidade pastoral, aqui estou na total disponibilidade missionária, pronto para o serviço do Evangelho, na união com os irmãos que lá trabalham.

7. Recife, a quem aceno nesta hora, é a cidade que me traz aqui, na pessoa do querido Arcebispo Dom Hélder, meu Sagramente, aquele que me passa o manto do profetismo episcopal como fez Elias com o filho Elizeu. A ele nada saberei dizer senão que a nossa amizade há de perdurar como um mistério do Reino.

Recife é a cidade que me traz aqui pelo seu Bispo Auxiliar e por tantos amigos — Bispos, Abades, Padres, Religiosos e Leigos — provenientes não só do Recife, mas também do Norte, do Centro e do Sul, de Leste e do Oeste do nosso País, e até mesmo de latitudes longínquas da Europa, que numa enorme prova de amizade se incorporam ao Recife e me acompanham até a Paraíba, formando em torno de mim uma coroa valiosa que não mereço. A todos eles eu asseguro a inteireza de uma amizade, que por ser realidade do coração é total e sem medidas para cada um, no seu mistério pessoal.

Recife é hoje aqui também, permitam-me a especial referência, a minha querida Mãe, os meus caros Tios, Irmãos. Parentes, expressão de minhas raízes humanas e da ternura do sangue, que homenagem nesta hora com indizível afeto e gratidão.

E me concedam ainda, nesta hora do coração, passar do Recife a uma cidade irmã — Fortaleza — sede de outra região pastoral da Conferência Nacional dos Bispos, no Nordeste. Quero vê-la aqui, neste momento, na pessoa do seu Arcebispo, Dom Aloísio Lorscheider, um dos meus consagrantes. Nele, o grande presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, quero homenagear o Colégio Episcopal do nosso País. Nele, presidente do Conselho Episcopal da América Latina e membro do Secretariado Permanente do Sínodo dos Bispos, quero homenagear o Colégio Episcopal do nosso Continente e o do Mundo inteiro, Colégio que tem à sua frente Aquele que é a fonte e o sinal de sua unidade visível, o Sucessor de Pedro, o Papa Paulo VI.

E já que toquei na fibra do afeto colegial, que envolve este grande corpo sacerdotal do mundo, surge espontaneamente a necessidade de evocar aqueles irmãos no episcopado, que mais conformados à Kénosis do Senhor, sofrem vexames por causa de seu Reino. Quero vê-los e saudá-los nesta hora, na pessoa aqui presente, do irmão Dom Pedro, da Prelazia de São Felix, cuja têmpera se fortalece como a de Inácio de Antioquia, na bem-aventurança do risco e do sofrimento pelo Evangelho. Dos lábios destes irmãos, dignos de serem sinais de todo o corpo episcopal, apraz-nos ouvir como que aquelas mesmas palavras do Bispo Mártir do II século: “uma só esperança, na caridade e na alegria irrepreensível; tudo isto é Jesus Cristo e nada há melhor do que Ele” (cf. Inácio de Antioquia, carta aos Magnes).

IV — É O AMOR QUE SE REQUER PARA QUEM RECEBE UM ENCARGO PASTORAL.

8. Meus amigos. Eu dizia no começo que desejava ter a agudeza de olhar do Discípulo Añado. Olhos de fé. Olhos contemplativos.

Mas, quem sou eu para, nesta hora, conseguir enxergar o Senhor em toda a dimensão da sua presença multiforme! Só vê bem quem vê com os olhos do coração. Enxergar é, assim, o apanágio do amor.

Valho-me, contudo, da humildade de Pedro que aproveitou da indicação do companheiro vidente e foi ao encontro do Senhor. Valho-me de Pedro, sobretudo, para dizer ao Senhor que O amo e estou cõscio de que não é possível mandato missionário sem o teste do amor. “Pedro, tu me amas”?, perguntou Jesus, por 3 vezes. E Pedro, por 3 vezes, respondeu: “Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo”. Disse-lhe então Jesus: “apascenta meus cordeiros, apascenta minhas ovelhas”. (Jo 21, 15-17).

Estou convicto de que é por amor que Jesus me envia como Bispo, para além de meus méritos e de meus pecados. E por amor também, em contrapartida, que recebo a missão: ser Bispo é um negócio de amor. É um terrível casamento com o Reino de Deus. em que o anel no dedo deve ser prova de fidelidade.

9. Afinal aquelas palavras misteriosas de Jesus a Pedro não significam, por ventura, a vocação de todo Bispo, seu tremendo destino? Quando eras moço, cingias-te a ti mesmo e andavas por onde querias; quando, porém, fores velho, estenderás as mãos, um outro te ligará e te levará para onde não queres.”

Não é, por ventura, o Bispo este homem que já não faz o que quer e se deixa amarrar pelo Senhor, no segredo de uma absoluta doação?